OS DESAFIOS NA ADMINISTRAÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS RURAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO[1]

Neubher Fernandes Nunes[2]
André Luiz Pires Muniz[3]

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é compreender os desafios existentes na administração dos empreendimentos rurais. Entende-se que a administração destes tipos de empreendimentos é considerada de alto risco devido a vários fatores incontroláveis relacionados às questões da natureza, tornando o segmento pouco atraente, pois necessita de alto investimento, cuja previsibilidade de lucro é instável e incerta. A metodologia utilizada para elaboração do estudo de caso foià aplicação de um questionário estruturado a um grupo de pessoas que trabalha com empreendimentos rurais, visando detectar as perspectivas em relação à administração destes tipos de negócios. A realização do estudo exploratório confirma que existem vários desafios, internos e externos aos empreendimentos. Os internos os administradores de empreendimentos rurais tem controle, porém os externos não, exigindo por parte dos administradores destes tipos de negócios conhecê-los, para tomar as decisões que lhe permitam ajustar-se a eles.

Palavras-chave: desafios, administração, empreendimentos rurais, fatores incontroláveis, ajustar.

[1] Artigo adaptado da monografia submetida e aprovada no Centro de Ensino Superior de Catalão em dezembro de 2011.

[2] Graduado em Administração pelo Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC-Catalão-GO) e Especializando em Gestão Financeira e Controladoria e Gestão Estratégica da Produção pela Universidade Federal de Goiás (UFG-Catalão-GO). E-mail: neubheradm@gmail.com

[3] Graduado em economia pela Universidade de Sorocaba (Sorocaba-SP), mestre em Economia pelo Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia (IE/UFU) e doutorando em Economia por esta mesma instituição. Professor do Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC-Catalão-GO) e da Faculdade Pitágoras (Uberlândia-MG). E-mail: andreluizmuniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil o agronegócio é fundamental e representa em média ¼ do PIB (Produto Interno Bruto) do país. Entre os dez segmentos econômicos que geram empregos a menor custo, sete pertence ao agronegócio, além de colocar o país no ranking dos maiores exportadores mundiais de alimentos.

Assim, o agronegócio envolve uma série de atividades importantes, dentre elas as relacionadas à agropecuária, que sofre a influência de uma infinidade de riscos e incertezas inerentes às próprias atividades. Neste sentido, o objetivo geral do trabalho é compreender quais são os desafios existentes na administração de empreendimentos rurais.

O presente trabalho se justifica pela importância da atividade agropecuária para o Brasil e para o mundo, pois sem ela os outros segmentos interdependentes não existiriam. Contudo, a administração da mesma é considerada de alto risco, devido a vários fatores incontroláveis. Este fato torna a atividade pouco atraente, repleta de incerteza e riscos, e, portanto, pouco atrativa para a realização de investimentos. Compreender tais elementos permitirá estudar e sugerir mecanismos para que os empreendedores rurais consigam minimizar tais riscos, ampliando as chances de prosperarem.

Como metodologia para desenvolvimento do estudo, será utilizada o embasamento teórico, através de revisão bibliográfica, baseada principalmente nas obras do prof. José Graziano da Silva, referência internacional sobre estudos na área rural. Também será desenvolvido um estudo exploratório, baseado no processo de entrevista com um grande agricultor e outro com pequenos agricultores do município de Catalão – Goiás. O estudo tem caráter exploratório, pois a amostra utilizada é pequena e não reflete a população como um todo do município, porém, a pesquisa realizada fornece informações que não fogem do contexto verificado e explicitado na revisão bibliográfica realizada.

O trabalho esta estruturado em três seções, incluindo esta introdução. Na segunda parte descrevem-se as especificidades do setor rural e os desafios e dificuldades encontradas na administração de empreendimentos rurais. Em seguida apresentam-se os resultados do estudo exploratório realizado a partir de entrevistas estruturadas com o Grupo HP e com pequenos agricultores do município de Catalão – Goiás. Por fim, são delineadas as considerações finais do trabalho.

2. ESPECIFICIDADES DO SETOR RURAL

Esta seção tem o objetivo de demonstrar as especificidades do setor rural e as dificuldades que se encontram no momento de administrar empreendimentos neste setor.

Toda economia é composta de dois setores fundamentais: o urbano e o rural. Estes setores se interrelacionam, porém sofrem influencias de aspectos específicos.

Araújo (2009) ressalta que as propriedades rurais eram praticamente auto-suficientes, mas devido a evolução sócio-econômica e os avanços tecnológicos, as características do meio rural mudaram totalmente. Os avanços tecnológicos elevaram a produtividade no meio rural mudando o perfil de produção que existia anteriormente. Este mesmo autor destaca que o meio rural atual tem as seguintes características:

> • perdem sua auto-suficiência;
> • passam a depender sempre mais de insumos e serviços que não são seus;
> • especializam-se somente em determinadas atividades;
> • geram excedentes de consumo e abastecem mercados, às vezes, muito distantes;
> • recebem informações externas;
> • necessitam de estradas, armazéns, portos, aeroportos, softwares, bolsas de mercadorias, pesquisas, fertilizantes, novas técnicas, tudo de fora da propriedade rural;
> • conquistam mercados;
> • enfrentam a globalização e a internacionalização da economia. [...] (ARAÚJO, 2009, p. 15)

Assim, conforme expõe Silva (1996, p. 05), "o novo centro dinâmico da economia – a indústria e a vida urbana – impõe suas demandas ao setor agrícola e passa a condicionar suas transformações [...]". Ou seja, as mudanças que ocorreram no setor urbano implicaram também em mudanças no setor rural.

Para Silva (1996, p. 05), "a agricultura brasileira hoje é uma estrutura complexa, heterogênea e multideterminada". Este mesmo autor considera complexa e heterogênea porque existem vários setores interligados criando os chamados Complexos Agroindustriais e multideterminada, pois depende de uma grande quantidade de fatores.

Um elemento fundamental que influencia as atividades no setor rural é o progresso técnico. Segundo Silva (1999, p. 23), "o progresso técnico da agricultura é essencial porque relaciona diretamente com a

redução do trabalho necessário através do aumento da produtividade das pessoas". Para este autor, as atividades no meio rural, em particular as atividades agrícolas,estão sujeitas á vários fatores naturais incontroláveis, como tipo de solo, clima, pragas, doenças etc. Estes fatores geram instabilidade ao mercado e consequentemente oscilações nos preços e na renda dos produtores.

Ainda segundo Silva (1999, p. 23), "uma questão crucial, portanto, que se coloca para a produção agrícola é a da disponibilidade de condições naturais favoráveis".É necessário se compreender, portanto, que a agropecuária depende fundamentalmente dos processos biológicos, ou seja, as plantas e animais nascem, crescem e se reproduzem e para que isto ocorra é necessário tempo. Sobre os processos biológicos, o autor destaca:

> Como os processos de produção biológicos são sempre **contínuos, não permitem que as partes se tornem independentes do todo**. Assim, o processo de produção pode ser parcializado além do limite de exigências próprias das atividades, que são necessariamente **conexas**. Isso impossibilita, por exemplo, a produção paralela das várias partes de um determinado ciclo produtivo, permitindo apenas que se façam de **maneira integrada e/ou simultânea**. (SILVA, 1999, p. 25 – grifo do autores)

Assim, a principal atividade desenvolvida no meio rural (a agricultura) depende dos processos biológicose se difere de forma gritante da indústria, dado que nesta última, as diversas peças podem ser produzidas ao mesmo tempo em seções diferentes e montadas no final (SILVA, 1999).

É importante entender, portanto, que nem tudo na agricultura ocorre de forma imediata. Na agricultura tem de haver um tempo para plantar, crescer e colher que são definidos pelos processos biológicos implicando em uma conexão inevitável entre diferentes tarefas. Ainda para este mesmo autor, na agricultura, existem dias necessários para germinar a semente ou maturação dos frutos, esses dias são considerados tempos de não trabalho no período de produção. Este tempo de não trabalho que o capital fica submetido, ou seja, parado, constituem um período em que não está sendo valorizado. Este aspecto (existência do tempo de não trabalho) é inevitável na agricultura. Como se pode perceber, os processos biológicos definem a rotatividade do capital, não tendo como acelerá-lo de forma significativa. Tal fatotorna-se um desafio extraordinário para administradores de empreendimentos rurais. Para Silva (1999):

> Na indústria, consegue-se quase inteiramente isolar o processo produtivo das condições atmosféricas e climáticas. Uma fábrica tem telhado para eliminar a chuva, paredes para não deixar entrar muito vento, luz elétrica para funcionar à noite, etc. Mais do que isso, a fábrica utiliza de formas de energia cada vez mais potentes para acelerar a produção, da força hidráulica ao átomo, passando pelo petróleo. Na agricultura, não; a produção se assenta na forma mais primitiva de conversão energética, a fotossíntese, que depende da iluminação solar. (SILVA, 1999, p. 29)

Para Silva (1999), a produção agrícola de uma região pode ser alterada significamente através do processo tecnológico: podendo irrigar terras secas(mas vale ressaltar, queinvestimento em irrigação pode ser economicamente inviável em produção degrande escala), melhorar a fertilidade dos solos com adubação.Este autor conclui que através da necessidade de interação entre processos biológicos e forças naturais que o progresso técnico apresenta na agricultura um grau de especificidade muito maior que na indústria.

Ainda para Silva (1999), a localização da terra tanto para indústria quando para a agricultura é de suma importância, pois quando má localizada gera elevação no gasto com transporte, elevando o custo de produção. Já no que se refere à fertilidade da terra tem sua maior importância para agricultura, pois terra de má qualidade gera a necessidade de elevada quantidade de adubo, acarretando também naelevação dos custos de produção.

Silva (1999) destaca em sua obra ainda que nem sempre o progresso técnico no setor agrícola proporciona aumento da produtividade na mesma unidade produtiva. Por exemplo, a mecanização aumenta a produtividade das pessoas, mas talvez não os rendimentos na mesma unidade produtiva, podendo até diminuir a lucratividade devido à manutenção necessária.

Silva (1999) ressalta que para se permanecer numa certa atividade tem que se produzir uma quantidade mínima, que constantemente é elevada devido a novas tecnologias disposta no mercado. Ainda segundo este autor a indústria que consegue elevar sua eficiência produzindo com baixo custo, além de aumentar seus lucros elimina seus concorrentes. O mesmo ocorre na agricultura. Devido à modernização, o aumento de produto disponibilizado no mercado elimina as "empresas marginais" – a produção camponesa, mas nem sempre o lucro aumenta porque devido ao excesso de produção, gera-se uma pressão para a queda dos preços.

Percebe-se, portanto, que o fator terra é de fundamental importância para as atividades desenvolvidas na área rural e que o progresso técnico auxilia na elevação da produtividade da mesma.

Baseando-se ainda na obra de Silva (1999), na agricultura as condições naturais determinam o tempo de produção, o que normalmente não ocorre na indústria. Portanto a velocidade de rotatividade do capital na agricultura é menor do que na indústria devido ao maior tempo de não-trabalho, implicando em menor valorização do capital ao longo do tempo com taxa de lucro reduzidas.

Coriat (*apud* SILVA, 1999), destaca que:

> A importância da quimicação da agricultura não advém somente da possibilidade concreta que ela representa de reduzir a duração do ciclo produtivo, ou melhor, de reduzir a determinação da natureza sobre a duração da natureza do período de produção. A esse aspecto acrescenta-se também o fato de a quimicação permitir a utilização de resíduos de outros processos/produtos, que sem a sua ajuda, implicam despesas suplementares. (Coriat *apud* SILVA, 1999, pp. 41-42)

Assim, a quimicação possibilita diminuir o tempo de circulação do capital antecipando à produção tanto na atividade agrícola como na industrial, através da "substituição de "produtos naturais" por "produtos artificiais", como, por exemplo, a adubação química em lugar da estercação animal, os fios sintéticos em lugar da lã e do algodão"tornando as atividades mais viáveis economicamente.

Ainda Silva (1999) considera que:

> Dessa maneira, pode-se reduzir a dependência de um processo produtivo das condições naturais que regulavam o fornecimento da matéria-prima a ele necessária: agora nem mais a própria agricultura (no caso dos adubos) ou a indústria têxtil (no caso dos fios sintéticos) ficam na dependência exclusiva dos caprichos da natureza para que o capital inicie um novo ciclo de valorização. (SILVA, 1999, p. 43)

Conforme esclarece Silva (1999, p. 44), "a mecanização da agricultura, ao contrário do que ocorre na indústria, não modifica, necessariamente, o tempo de produção de uma dada mercadoria e, como reduz o tempo de trabalho, acaba por aumentar o tempo de não-trabalho". Em outras palavras, a mecanização influencia no período de produção na fase inicial (plantio) e final (colheita), mas não gera impactos significativos na quantidade de dias do período de produção aumentando o tempo ocioso de não-trabalho.

Em relação às inovações físico-químicas o autor destaca que reduz as "perdas naturais" e aumentam o tempo de não-trabalho da seguinte forma:

> • [...] utilização dos defensivos químicos, isto é, como os pesticidas, os inseticidas e os herbicidas. Estes não apenas reduzem o tempo de trabalho, mas também aumentam a sua produtividade;
> • Adubação – orgânica ou inorgânica –também age no sentido de aumentar a produtividade do trabalho. Ao elevar a produtividade dos solos, permite que a mesma quantidade de trabalho neles aplicada resulte em maior volume de produção. Diferentemente do caso anterior dos defensivos, a adubação não reduz sensivelmente a quantidade total de forças de trabalho por unidade de área, mas, pelo contrário, muitas vezes provoca até a sua elevação nas épocas de colheita;
> • [...] no sentido de elevar a produtividade natural do solo, como no caso das tecnologias químicas citadas anteriormente, atuam a drenagem e a irrigação, a incorporação de matéria orgânica e outras, insumos destinados a preservar as condições naturais de determinado terreno, tanto no desgaste produtivo como ação das intempéries (chuva/sol, calor/frio, etc). (SILVA, 1999, pp. 44-45)

As inovações biológicas também desempenham papel importante nas atividades desenvolvidas no setor rural. Para Silva (1999, p. 45), "as inovações biológicas, através das quais o homem interfere sobre as determinações das formas da natureza, visando acelerá-las ou transformá-las de modo a romper as barreiras que se antepõem ao capital". Este mesmo autor esclarece que é possível elevar a produção em um menor período de tempo, produzir em época diferente da encontrada na natureza, devido à seleção genética das plantas e animais melhorando as variedades existentes através da reprodução artificial da própria natureza.

Já "as inovações agronômicas, diferentemente das anteriores, são inovações que não implicam novos insumos ou produtos, mas sim novos procedimentos, métodos e práticas culturais" (SILVA, 1999, p. 46).

Constata-se, desta maneira, que as inovações nas atividades desenvolvidas na área rural são de fundamental importância para reduzir a dependência destas atividades das condições naturais e biológicas, inerentes ao processo. Percebe-se, portanto, que muitos são os desafios encontrados nas atividades produtivas desenvolvidas no setor rural (em especial nas atividades agropecuárias), pois tais atividades estão à mercê do clima, da fertilidade do solo e de outros elementos que fogem do controle do administrador. Apesar de existirem ferramentas que auxiliam

o administrador de empreendimentos rurais, a incerteza e a instabilidade são inerentes as atividades produtivas desenvolvidas neste setor.

3. AS DIFICULDADES DOS EMPREENDEDORES RURAIS DE CATALÃO-GO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

O objetivo destaseção é analisar, a partir de um estudo exploratório com a aplicação de questionários estruturados, quais são as dificuldades dos empreendedores de atividades rurais na cidade de Catalão – Goiás e qual a percepção dos mesmos em relação aos riscos que enfrentam no desenvolvimento de suas atividades. Primeiramente destaca-se a metodologia utilizada para este estudo e em seguida descrevem-se os resultados obtidos para as duas pesquisas desenvolvidas.

3.1. Metodologia

Para verificar os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores de atividades rurais, desenvolveram-se duas pesquisas. A primeira foi um estudo de caso com o Grupo HP, que desenvolve diversas atividades na área da agricultura e pecuária.

Este estudo de caso foi realizado através de uma entrevista com questionário estruturado com perguntas abertas, no qual o objetivo foi entrevistar um grande agricultor de Catalão, o Diretor Sócio do grupo HP, Hélio Benício de Paiva Sobrinho e foi realizada no dia 10/11/2011.

Este estudo de caso justifica-se pela necessidade de obter informações mais aprofundadas sobre os grandes agricultores. O objetivo é compreender e destacar a forma como um administrador de uma grande propriedade compreende as dificuldades da área que atua. Compreendendo inclusive a dinâmica de um grande negócio, permite compreender as dificuldades que os pequenos empreendimentos agrícolas estão sujeitos. Assim, será possível, a partir do confronto das informações da segunda pesquisa verificar se as dificuldades entre os pequenos e grandes empreendedores de negócios rurais se assemelham ou não.

Foi desenvolvida ainda uma segunda pesquisa com 31 empreendedores de atividades agrícolas de Catalão. O objetivo desta segunda pesquisa foi captar a percepção de empreendedores de vários perfis para confrontar com a percepção do primeiro estudo de caso apresentado. A pesquisa foi realizada através de entrevistas com questionário estruturado

com perguntas fechadas e abertas. Assim como já indicado foram aplicados 31 questionários entre o período de 02/11/2011 a 05/11/2011. Os questionários foram aplicados em frente à cooperativa COACAL e à loja de produtos agropecuários AGROREBANHO no período indicado.

Este número de questionários aplicados representa uma amostra de 2,2% em relação aos estabelecimentos agropecuários existentes (1408 no total) na cidade de Catalão segundo as informações do último Censo Agropecuário desenvolvido pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado no ano de 2005/2006. (SIDRA-IBGE, 2011)

Percebe-se, portanto, que a amostra não possui um tamanho que indique representatividade para o município como um todo, porém acredita-se que tais informações permitam entender de forma introdutória e exploratória o assunto em questão.

3.2. As dificuldades do Grupo-HP

A entrevista foi realizada com o Diretor Sócio do grupo, Hélio Benício de Paiva Sobrinho, que tem 58 anos de idade e atua como Diretor do grupo desde que se iniciou a sociedade e cuja formação acadêmica é em Engenharia Civil.

O entrevistado indicou que o Grupo HP é o nome fantasia do grupo de produtores rurais formado por ele em sociedade com as pessoas físicas de Maria Matias Benício de Paiva, Norberta Maria Lemos de Melo Benício de Paiva e Humberto Lemos Benício de Paiva. Informou que é uma sociedade voltada à exploração da atividade agrícola, focada no plantio e comercialização de grãos, pecuária e avicultura, incorporando em sua estrutura as terras para plantio, com infra-estrutura básica (próprias/ arrendamentos), fábrica de ração, armazéns de grãos, além de participar em outras empresas voltadas para seus fins.

O entrevistado informou também que atualmente o grupo conta com 4.151 hectares de terras próprias (área total), em cinco unidades produtivas denominadas; Fazenda Pouso Alegre, Bucaina, Triunfo, Soledade e Canadá. O grupo utiliza também de 3.650 hectares de terras arrendadas.

O grupo iniciou suas atividades agropecuárias em 1987 com a exploração de lavouras e pecuária. Em 1988 instalou-se o primeiro pivô central da região de Catalão-GO. Em 1995, instalou-se o primeiro núcleo aviário, composto de três barracões, com capacidade para 60.000 (sessenta mil) aves e essa atividade foi expandida em 2002 com a implantação de

três novos núcleos, permitindo assim, o alojamento de 240.000 (duzentos e quarenta mil) aves. O entrevistado informou ainda que no fim de 2011 concluiu-se a implantação de mais dois novos núcleos, com capacidade para alojamento de mais 120.000 (cento e vinte mil) aves.

Visando a integração das atividades instalou-se uma fábrica de ração, onde, utilizando-se de parte da produção agrícola, a unidade é capaz de processar toda a demanda de alimentação das granjas e pecuária. Com a expansão em curso, a fábrica de ração passará a ter uma produção de 1.000 (um mil) toneladas por mês.

Em 1997, foi implantado um sistema Vosin, para exploração intensiva de gado de corte nas Fazendas Triunfo e Soledade, tendo sido escolhida a raça Brangus para exploração de cria, recria e engorda. Com terminação em confinamento, o ciclo da pecuária se completa em 24 (vinte e quatro) meses.

Em 2007, o grupo começou sua expansão na agricultura, sob a forma de arrendamentos, até chegar em 2011 explorando um total de 5.500 hectares. Para 2012 a previsão é a de incorporar 200 hectares de cultura, sob a forma de arrendamento, totalizando 5.700 hectares de áreas de lavoura. Com a implantação de terras irrigáveis, o grupo passou a ter 2,5 safras ao ano.

Foi pedido esclarecimento ao entrevistado sobre qual fator que mais influência negativamente o negócio e foi indicado que o principal entrave para o desenvolvimento de suas atividades é a burocracia para a obtenção de licenciamentos ambientais.

Já em relação à solicitação de financiamentos para desenvolver as atividades necessárias ao bom andamento dos negócios do grupo, não existe nenhuma dificuldade em obter os recursos solicitados, pois o grupo já tem os limites previamente aprovado, o que justifica que em nenhuma parte do processo produtivo, o grupo encontra dificuldade em adquirir os financiamentos. O entrevistado indicou ainda que o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) tem dado todo suporte à indústria, sendo assim, maquinário e infra-estrutura tem financiamento farto e barato para desenvolver as atividades necessária que o grupo deseja e os financiamentos são suficiente para cobrir 70% dos custos. O restante são supridos por recursos próprios ou linhas de juros não subsidiados.

Sobre a questão da mão de obra, o entrevistado indicou que a falta de qualificação da mesma dificulta a contratação, pois este fator é primordial para aumentar a produtividade, na qual o grupo se baseia para

aumentar sua produção. Indicou também que além da mão de obra qualificada o grupo procura investir em novas tecnologias, sementes mais resistentes às pragas e doenças, adubação esmerada (perfeita) e mecanização na qual acreditam que aumenta a produtividade das pessoas e reduz o custo de produção.

No momento de decidir o que deverá ser plantado no próximo ano (próxima safra), o entrevistado indicou que vários fatores influenciam tal decisão como o custo de produção, o preço de venda da produção, a cultura apropriada à fertilidade do solo e o conhecimento da cultura a ser plantada (*know-how* já existente). Assim a escolha da cultura a ser desenvolvida na próxima safra não é atribuída apenas a um fator, mas a escolha é feita pela ponderação de todos estes elementos.

Outro fator que influencia no que deve ser plantado no próximo ano é o acompanhamento das informações confiáveis que o grupo dispõe sobre as atividades que desenvolvem na propriedade, referente ao mercado nacional e mundial em relação a preço, produção e consumo no futuro. Assim, a coleta de informações da situação do mercado serve para definirem qual a quantidade da produção de grão que estocariam para vender na entressafra e ainda para se protegerem dos riscos relacionados ao preço dos bens produzidos. O entrevistado informou ainda que usa os contratos futuros da BM&F (Bolsa de Mercadorias e Futuros) como uma forma de proteção contra as oscilações no preço de seus produtos.

Devido às outras atividades que desenvolvem, parte da produção de grãos é consumida pela avicultura (criação de frangos) e a terminação dos bovinos da pecuária extensiva no confinamento.

A avaliação geral do entrevistado em relação aos riscos existentes na atividade agropecuária que desenvolve, em uma escala de 0 (risco inexistente) a 10 (alto risco), foi nota 7 e, na percepção do entrevistado, o maior risco que influencia negativamente as suas atividades é o clima (que como se notou no levantamento bibliográfico realizado na primeira seção não dá para se ter controle específico) e depois as doenças desconhecidas. O entrevistado ressalta ainda que não desenvolvem projetos ou medidas para minimizar os impactos desses riscos, pois são inerentes à atividade indicando que o bom é que os problemas com o clima e pragas não aconteçam, mas se ocorrerem, pouco ou nada (no caso do clima) pode ser feito.

Percebe-se, portanto, que mesmo sendo um empreendedor de grande porte (o que pressupõem que possui uma capacidade de caixa maior) existe

uma elevada percepção em relação aos riscos da atividade e que, a busca de informações e de medidas para contornar as variações bruscas dos preços de seus produtos são importante para reduzir as incertezas e os riscos das atividades desenvolvidas.

Descreve-se a seguir as informações da segunda pesquisa realizada com 31 empreendedores rurais, visando verificar qual a percepção dos mesmos em relação às dificuldades e riscos das atividades que desenvolvem.

3.3. Os desafios dos pequenos empreendedores rurais de Catalão-GO

Importante reforçar o fato desta pesquisa ter caráter exploratório. Ou seja, o tempo que houve para realizar a pesquisa não permitiu que uma amostra maior fosse entrevistada. Contudo, acredita-se que as informações coletadas fornecem indicações preciosas dos desafios que os empreendedores rurais (seja de grande ou pequeno porte) enfrentam no seu cotidiano.

Nesta segunda pesquisa foram entrevistados 31 pessoas, sendo 30 donos de propriedade rural e 1 funcionário. A idade dos entrevistados variou entre 21 a 56 anos (a idade média dos entrevistados foi de 38 anos).A pesquisa aponta que 71% dos entrevistados plantam em pequena quantidade (foco da segunda pesquisa), ou seja, são pequenos empreendedores rurais (Gráfico 1).

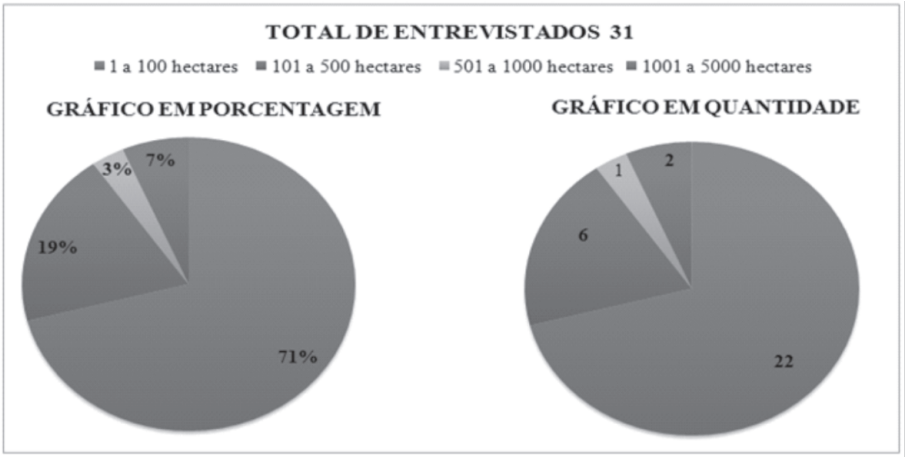


Gráfico 1 – Quantidade de hectares plantados
Fonte: Elaboração própria a partir de dados de pesquisa - Catalão - GO, 2011.

As informações disponíveis no Gráfico 2 demonstram que 87% dos entrevistados tem dificuldade em adquirir financiamento, devido a burocracia excessiva e alta exigência de garantias (74% e 13%, respectivamente). Mesmos os que responderão que não tem dificuldade (13% dos entrevistados) justificam que a burocracia excessiva, alta exigência de garantias e taxa de juros elevadas lhe trazem transtornos.

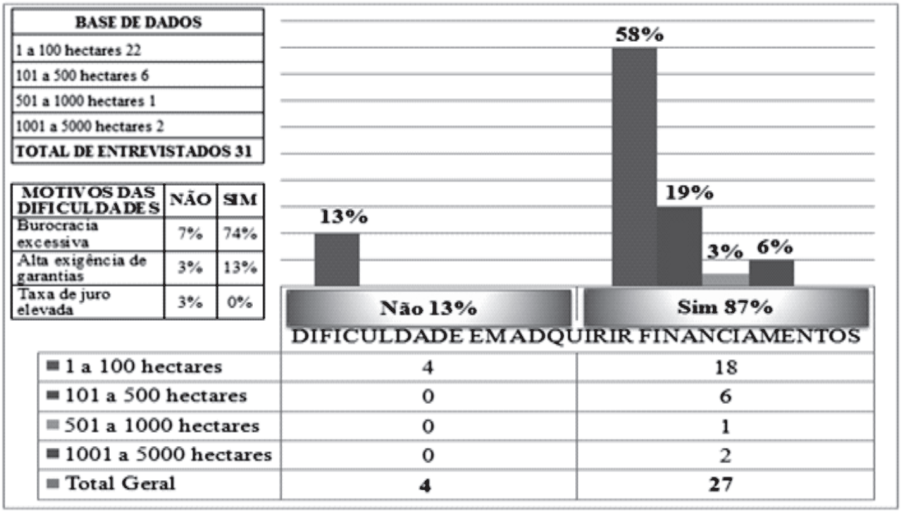


Gráfico 2 – Dificuldade dos agricultores em adquirir financiamentos pela quantidade de hectares plantados
Fonte: Elaboração própria a partir de dados de própria pesquisa – Catalão - GO, 2011.

Como é possível observar nas informações disponíveis no Gráfico 3, a maior dificuldade de adquirir financiamentos esta relacionado entre os pequenos agricultores (1 a 100 hectares) no processo de plantio, pois o valor liberado por hectare, segundo os entrevistados, não dá para cobrir todos os custos até a colheita. Em seguida vem à opção outros que se refere ao fato de plantarem em pequena quantidade, exercem outras atividades como, por exemplo, a pecuária (gado leiteiro e gado de corte) necessitando de financiamento para a compra de gado leiteiro, gado de corte para engorda em confinamento ou no pasto, ordenha, tanque de leite, melhoria nas pastagens, cercas e currais etc.

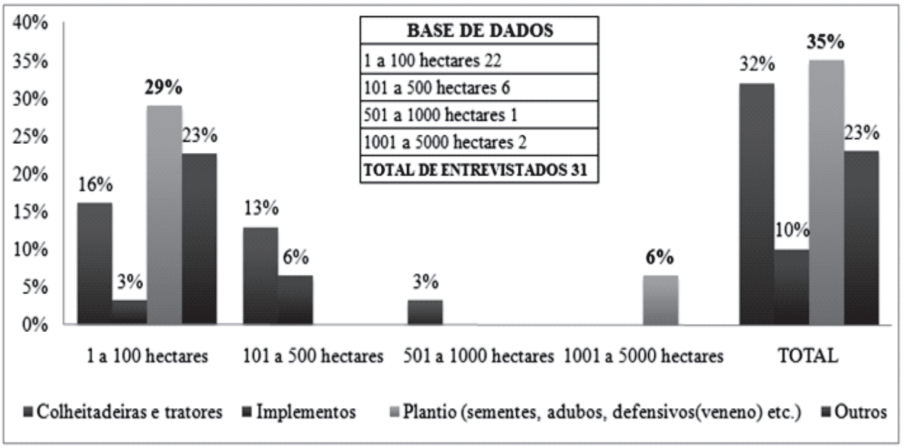


Gráfico 3 – Área do processo produtivo com maior dificuldade em adquirir financiamentos
Fonte: Elaboração própria a partir de dados de própria pesquisa - Catalão - GO, 2011.

A dificuldade de financiamento para a aquisição de tratores de pequeno porte para facilitar as tarefas diárias na fazenda também é indicado na pesquisa como uma dificuldade. Em relação à compra de implementos agrícolas, somente 3% dos entrevistados responderam que tem dificuldade em adquiri-los através de financiamento.

Já os produtores que se enquadram na faixa de plantio de 101 a 500 hectares tem dificuldade em adquirir tratores e implementos através dos financiamentos. Os produtores da faixa de plantio de 501 a 1000 hectares tem dificuldade para obter financiamentos para a compra de colheitadeiras e tratores de maior porte. O que chama atenção na pesquisa é que os agricultores que plantam de 1001 a 5000 hectares também estão com dificuldade em adquirir financiamentos para o plantio. Segundo eles isto ocorre devido ao alto custo da lavoura (Gráfico 3).

A Tabela 1 revela adicionalmente que 84% dos empreendedores rurais entrevistados responderam que os financiamentos não são suficientes para as suas necessidades e ainda descrevem de forma pormenorizada que a insuficiência ocorre em todas as faixas de plantio, desde o pequeno ao grande.

Tabela 1 – Relação de suficiência do financiamento com o tamanho da área plantada

TAMANHO DA ÁREA PLANTADA	O RECURSO É SUFICIENTE		TOTAL
	Não	Sim	
1 a 100 hectares	18	4	22
101 a 500 hectares	6	–	6
501 a 1000 hectares	1	–	1
1001 a 5000 hectares	1	1	2
Total Geral	**26**	**5**	**31**
% Em Relação ao Total	**84%**	**16%**	**100%**

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de pesquisa - Catalão-GO, 2011.

Segundo os entrevistados, o valor liberado não cobre todos os custos referentes à produção, que são:

- Custo excessivo no plantio, assim como na manutenção da pulverização até a colheita;
- Custo elevado para fazer silagem para o gado, gasta-se muitas horas de trator e funcionários;
- Preço elevado do adubo e dos venenos;
- Alto custo com a colheita;
- Pouco valor para a mecanização;
- Custo elevado com fungicida;
- Preço elevado dos insumos, porque é comprado em pequenas quantidades.

Os empreendedores rurais destacam que o valor liberado por hectare é baixo e deve ser atualizado pelo governo, para que seja suficiente em todas as etapas da produção: preparação do solo, plantio, manutenção e colheita. Constatou-se ainda que 90% dos entrevistados utilizam financiamentos do governo (Tabela 2).

Tabela 2 – Utilização dos processos de financiamentos disponibilizados pelo governo

USA OS PROCESSOS DE FINANCIAMENTO DO GOVERNO	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	% EM RELAÇÃO AO TOTAL
Não	3	10%
Sim	28	90%
Total Geral	**31**	**100%**

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de pesquisa - Catalão - GO, 2011.

Em relação ao fator mão de obra, o custo da mesma foi apontada por 55% dos entrevistados como o principal empecilho (Gráfico 4). O que se pode perceber é que, para os pequenos agricultores o custo da mão de obra é de extrema relevância, pois geralmente as atividades em pequena escala são executadas com pouca mecanização, sendo, desta forma, intensivas em mão de obra, o que eleva substancialmente o custo de produção.

Gráfico 4 – Dificuldade na contratação da mão de obra dos agricultores
Fonte: Elaboração própria a partir de dados de própria pesquisa - Catalão-GO, 2011.

Devido o trabalho na zona rural ser penoso, existe poucos trabalhadores que enfrentam esse tipo de serviço. Este fato esta elevando cada vez mais a insuficiência de mão de obra no campo. Este item na pesquisa realizada foi apontado como uma dificuldade por 35% dos entrevistados (Gráfico 4). O que mais chama atenção, é que 10% dos pequenos agricultores responderam que a falta de qualificação deste fator de produção que dificulta a contratação da mão de obra, pois a qualificação é indispensável para a elevação da produtividade em qualquer atividade.

Uma provável resposta para esta questão é o fato da pequena propriedade produzir em pequena escala, necessitando de uma mão de obra de baixa qualificação que tenha minimamente força corpórea para suportar o esforço, diferentemente das atividades na grande propriedade, que envolve maior progresso técnico e, que, portanto, exige maior qualificação da mão de obra.

Conforme exposto no Gráfico 5, 42% dos entrevistados responderam que decidem o que plantar na próxima safra através da cultura apropriada à fertilidade do solo. Desses 42%, 39% são pequenos empreendedores o qual tomam a decisão desta forma, porque certas culturas exigem alto nível de mecanização e investimento na adubação e pulverização de venenos, como por exemplo, é o caso da soja que só é vantajosa quando produzida em grande escala e, portanto, não acessível aos pequenos empreendimentos rurais.

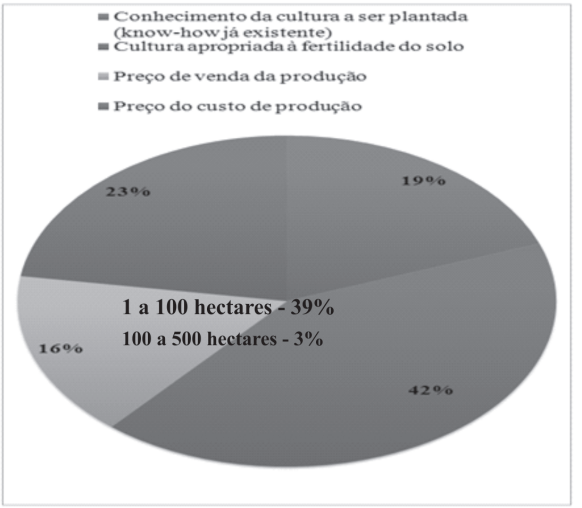


Gráfico 5 – Fatores que influenciam na decisão do que será plantado
Fonte: Elaboração própria a partir de dados de própria pesquisa - Catalão - GO, 2011.

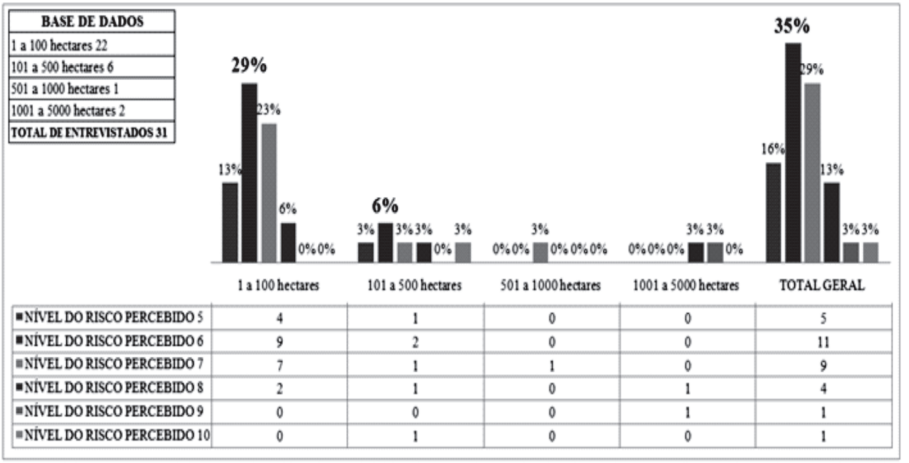
Outro fator de suma importância para decidir o que plantar, é o conhecimento do mercado nacional e mundial em relação ao preço, produção e consumo no futuro da atividade: 77% dos entrevistados responderam que não possuem esse conhecimento, representando 24 entrevistados do total pesquisado (Tabela 3).

Tabela 3 – Informações confiáveis sobre o mercado nacional e mundial em relação ao preço, produção, e consumo no futuro de sua atividade

TEM INFORMAÇÕES CONFIÁVEIS?	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	% EM RELAÇÃO AO TOTAL
Não	**24**	77%
Sim	7	23%
Total Geral	**31**	**100%**

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de pesquisa - Catalão - GO, 2011.

O maior desafio dos empreendedores em atividades rurais é se sobressair frente aos riscos que sua atividade apresenta. Na pesquisa realizada procurou-se identificar a percepção em relação aos riscos da atividade em um nível de 0 a 10. A média dos resultados obtidos foi de uma percepção de risco na casa de 6,61, com percepção mínima 5 e máxima 10. A frequência de respostas por nível de risco percebido pode ser visualizado no Gráfico 6.



	1 a 100 hectares	101 a 500 hectares	501 a 1000 hectares	1001 a 5000 hectares	TOTAL GERAL
NÍVEL DO RISCO PERCEBIDO 5	4	1	0	0	5
NÍVEL DO RISCO PERCEBIDO 6	9	2	0	0	11
NÍVEL DO RISCO PERCEBIDO 7	7	1	1	0	9
NÍVEL DO RISCO PERCEBIDO 8	2	1	0	1	4
NÍVEL DO RISCO PERCEBIDO 9	0	0	0	1	1
NÍVEL DO RISCO PERCEBIDO 10	0	1	0	0	1

Gráfico 6 – Nível de risco percebido pelos agricultores em relação a atividade
Fonte: Elaboração própria a partir de dados de própria pesquisa - Catalão-GO, 2011.

Em relação a esta percepção constatou-se que o nível 6 obteve 35% das respostas, em seguida a de nível 7 com 29%. Segundo os agricultores, os riscos mais relevantes são:

- O clima (excesso ou falta de chuva);
- Pragas e doenças,
- Instabilidade dos preços.

Pode se concluir que, as atividades desenvolvidas no setor rural (primárias como a agricultura, pecuária e as extrativas) são de alto risco, pois dependem de fatores externos que na grande maioria das vezes são incontroláveis.

Como se pôde perceber entre o grande e os pequenos empreendedores existem pontos de convergência e divergência. Houve uma conversão de opiniões, porém em relação aos riscos incontroláveis do tipo de atividade que desenvolvem. O grande empreendedor percebe os riscos pela nota 7 justificando o clima e as doenças desconhecidas como os causadores dos riscos, porém, para os pequenos além dos já mencionados ainda existe mais à instabilidade dos preços, pois ficam a mercê do mercado e não possuem informações adequadas para se avaliar a trajetória dos preços de mercado e percebem os riscos pela nota 6. Ou seja, mesmo indicando ser influenciados por mais fatores que o grande empreendedor, os pequenos tiveram, em média, um percepção menor em relação aos riscos das atividades que desenvolvem. Mas comparando-se a resposta obtida na pesquisa junto ao Grupo HP com os entrevistados na segunda pesquisa que trabalham com propriedades com mais de 1000 hectares, nota-se uma compatibilidade na percepção em relação aos riscos existentes nas atividades desenvolvidas no meio rural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, se pôde perceber que o agronegócio como um todo, é fundamental para o crescimento, desenvolvimento e sustentabilidade de um país, devido a gama de setores que formam o segmento, sendo assim, o mesmo exerce grande influência sobre os outros segmentos econômicos. No caso brasileiro, em razão à sua abundância de recursos naturais que goza, leva o país a ser cobiçado mundialmente por outros.

Apesar de ser um importante segmento econômico, o agronegócio envolve setores relacionados ao ambiente rural que por natureza é repleto de incertezas e riscos nas atividades desenvolvidas, principalmente no setor primário (agricultura, pecuária e extração).

Neste sentido, o presente estudo se propôs a responder e entender quais são os desafios e dificuldades nos empreendimentos rurais. Para tanto, apresentou-se no decorrer deste trabalhoas especificidades a qual as atividades desenvolvidas no setor rural estão submetidas e o resultado das pesquisas desenvolvidas com empreendedores rurais na cidade de Catalão–Goiás com o objetivo de verificar a percepção dos mesmos em relação aos desafios/ dificuldades que enfrentam no desenvolvimento de suas atividades.

A partir do objetivo geral proposto analisaram-se as respostas das pesquisas realizadas com os empreendedores rurais de grande e pequeno porte, chegando à conclusão de que são elevados os riscos e as dificuldades enfrentadas pelos empreendedores rurais devido aos fatores externos incontroláveis, principalmente em relação ao clima e a instabilidade dos preços, o qual pode ser feito pouco ou nada para controlá-lo. Porém deve ser uma obrigação dos empreendedores rurais conhecê-lo profundamente, para tomarem decisões cabíveis a adaptação ao próprio negócio visando se manterem na atividade e obterem lucro.

Com o estudo também se pôde concluir que, devido ao conjunto de fatores externos (como os preços dos produtos, clima, existência de mercado para os produtos, política de crédito e financiamento, transporte e disponibilidade de mão de obra na região, etc.) a atividade agrícola é pouco atraente, pois exige alto investimento e é um negócio repleto de incertezas e riscos. Como é uma atividade que envolve incertezas em relação ao retorno e que esta se tornando cada vez mais dependente dos outros setores no qual esta inserida, torna-se uma área muito atrativa para a atuação de administradores, visto que é um setor que necessita de profissionais habilitados em planejar, ou seja, pensar no futuro e na tomada rápida de decisões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de agronegócios**. 2. ed. – 4. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

SIDRA-IBGE. **Sistema IBGE de recuperação automática** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br.

SILVA, J. G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** Campinas, SP: UNICAMP/IE, 1996.

SILVA, J. G. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1999.